O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

O OLHAR PARA AS DIFERENÇAS DA AMAZÔNIA

ESTE NÃO será um ano fácil. As disputas mundiais (Israel *versus* Hamas, Ucrânia *versus* Rússia, China *versus* Taiwan, África etc.) terão influência nas cadeias de suprimentos e nos preços. Apenas para ilustrar: quem diria que o preço dos fertilizantes estaria, hoje, equivalente a 50% do valor de dois anos atrás? Ou que uma saca de soja estaria sendo vendida, em Sinop-MT, a R$ 106,00? Ou, ainda, que a saca de café seria vendida a R$ 1.300,00? Para complicar ainda mais o contexto, temos as eleições norte-americanas. Se Donald Trump vencer, teremos, seguramente, solavancos muito difíceis de serem previstos.

Não é um ano para errar o pé. Para ajudar nas decisões, podemos arriscar alguns dados macro para o final do ano: o câmbio deveria estar abaixo de R$ 5,00, mas, com toda a turbulência comentada, é possível que estacione na casa de R$ 5,00. A Selic não deve fugir de 10% a.a. Com uma inflação não superior a 4%, ainda teremos uma taxa real de juros próxima a 6%. Com isso, é importante ficar de olho nas aplicações e tomar muito cuidado nas operações de crédito.

É sempre bom lembrar que o produtor não é especulador. Assim, o ideal será travar os preços de venda se estes já apontarem para situação de lucro. Em alguns casos, pode-se, até mesmo, pensar em especular (e não travar o preço) com uma parte da produção quando o mercado claramente aponta como comprador, caso típico do café neste ano.

A busca pela sustentabilidade tornou-se uma missão global. A Ciência alertou sobre os limites naturais e a necessidade de repensar as nossas práticas de produção e consumo. Apesar das resistências e dos interesses divergentes, a narrativa da sustentabilidade ganhou força, impulsionando um movimento em direção ao verde e à bioeconomia. Países como o Brasil, com destaque no setor agrícola, assumem papéis importantes nesse contexto. Contudo, enfrentamos alguns desafios, muitas vezes disfarçados de verde. Na sua coluna, o presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), Luiz Carlos Corrêa Carvalho, discorre sobre a importância crucial em destacar as conquistas reais do Brasil, a sua qualidade, sustentabilidade e potencial produtivo, superando narrativas distorcidas e protecionismos, em busca de um futuro mais verde.

Em consonância com esse cenário, apresentamos um estudo, desenvolvido pelo Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (OCBio/FGV), que lança luz sobre duas estratégias fundamentais para alcançar o desenvolvimento socioeconômico sustentável no bioma Amazônia. O artigo destaca a dualidade da atividade agrícola na região: de um lado, a produção de grandes *commodities*, como soja, milho e algodão, em Mato Grosso; e, de outro lado, a ênfase na produção de produtos regionais, como açaí e mandioca, nos demais territórios que compõem o bioma.

O estudo mostra que essas estratégias não são excludentes, mais sim complementares na busca por um desenvolvimento equilibrado. A adoção de práticas sustentáveis em ambos os casos, visando gerar renda e dinamizar a economia local, é crucial, independentemente da origem do produto. Assim, a pergunta que fica é: será que as ações em busca da sustentabilidade ambiental não deveriam considerar estratégias diferentes para regiões com características distintas, mesmo dentro do mesmo bioma?

Dada a importância da sustentabilidade na agricultura, trazemos um conteúdo especial que aborda o contexto da produção de algodão. A União Europeia tem avançado na legislação para garantir a sustentabilidade em todos os produtos, incluindo as fibras. O programa Algodão Brasileiro Responsável (SouABR) busca rastrear a cadeia de produção de algodão, enquanto certificações como a Better Cotton Initiative (BCI) indicam a sustentabilidade da produção brasileira. Já as iniciativas brasileiras, como a Cotton Brazil e a Brazilian Cotton School, têm contribuído para atrair compradores internacionais e fortalecer a imagem do algodão brasileiro como uma opção sustentável. A sustentabilidade do algodão, juntamente de investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I), corrobora para que as perspectivas de recorde de exportação para a safra 2023/24 sejam próximas ao recorde alcançado na temporada 2019/20.

Trazemos, ainda, um artigo que mostra como a oscilação dos preços do milho afeta o custo da diária no confinamento de bovinos. Com a expectativa de queda nos preços do milho, a rentabilidade do sistema de confinamento pode melhorar, incentivando o aumento na quantidade de bois confinados e na oferta de carne até julho próximo. Contudo, incertezas no consumo interno podem impactar os preços da carne no segundo semestre, indicando a necessidade de cautela por parte dos produtores. A simulação de uma atividade de engorda mostra uma estimativa favorável de lucro por cabeça confinada, especialmente com entrada em julho e saída em outubro deste ano. ■